

Temporada 2023/2024

Um Chão Comum

Sexta Maior

Pequeno Auditório

21h00

M/6

12 janeiro
2024

A bela Moleira de Schubert

**Ian Bostridge
e Luís Duarte**



Programa

Franz Schubert (1797–1828)

A bela Moleira, op.25, D 795

Viajar

Para onde?

Para!

Agradecimento ao ribeiro

Depois do trabalho

O curioso

Impaciência

Saudação Matinal

As flores do moleiro

Chuva de lágrimas

Minha!

Pausa

Com a fita verde do alaúde

O caçador

Ciúme e orgulho

A cor amada

A cor odiada

Flores secas

O Moleiro e o ribeiro

A canção de embalar do ribeiro

Tenor **Ian Bostridge**

Piano **Luís Duarte**



Franz Schubert (1797–1828)
***A bela Moleira*, op.25, D 795**

A bela Moleira [*Die schöne Müllerin*] é o primeiro de dois ciclos de *Lieder* seminais de Franz Schubert sobre poemas de Wilhelm Müller (1794–1827), juntamente com *Viagem de Inverno* [*Winterreise*], e um dos expoentes máximos do repertório de *Lied*. Foi composto em 1823 e as 20 canções do ciclo, maioritariamente estróficas, compõem uma dramaturgia simples: um prólogo, duas secções separadas por um interlúdio e um epílogo trágico.

Prólogo: (*Viajar*) [*Das Wandern*] um jovem moleiro caminha alegremente pelo campo, cantando sobre as águas agitadas, as rodas e as mós do moinho, e sobre o prazer de viajar. (*Para onde?*) [*Wohin?*] Depara-se com um regato e, compelido a seguir o seu curso, (*Pausa*) [*Halt!*] é conduzido a um idílico moinho no bosque. Schubert utiliza um estilo ilustrativo, sugerindo através do acompanhamento os diversos objectos sobre os quais o moleiro canta, utilizando também motivos recorrentes. O mais importante, o regato, é um personagem próprio com um tema ondulante no piano que o representa quase exclusivamente ao longo do ciclo.

A moleira: (*Agradecimento ao ribeiro*) [*Danksagung an den Bach*] o moleiro agradece ao regato por fornecer ocupação para as suas mãos e para o seu coração, este último na forma da bela moleira. (*Depois do trabalho*) [*Am Feierabend*] Perturbado quando ela deseja boa noite a todos os homens, sem lhe dar muita atenção, procura distinguir-se. Este é o ponto alto da primeira secção e a única canção do ciclo em que o protagonista canta a frase «a bela moleira». (*O curioso*) [*Der Neugierige*] Pergunta ao misterioso regato: «será que a bela moleira me ama?» (*Impaciência*) [*Ungeduld*] Queria poder gravar o seu amor em cada árvore, que cada pássaro cantasse sobre ele, que o vento falasse sobre isso. Acordes agitados e repetidos no acompanhamento, repleto de ornamentos, reflectem o seu estado de agitação. (*Saudação Matinal*) [*Morgengruß*] Fica preocupado com a reacção fria da moleira à sua saudação matinal, mas permanece optimista, esperando-a do lado de fora da janela. Como a paixão do moleiro, também a energia expressiva vai aumentando progressivamente ao longo da canção. (*As flores do moleiro*) [*Des Müllers Blumen*] Entrega-se a uma metáfora poética entre as flores azuis à beira do regato e os olhos azuis da sua amada. (*Chuva de lágrimas*) [*Tränenregen*] Ambos partilham um momento de ternura à beira do regato — os três personagens principais num só lugar. Não conseguindo olhar para ela, olha para o seu reflexo e para a lua no regato. Enquanto as suas lágrimas ondulam na água, ela sai abruptamente. (*Minha!*) [*Mein!*] Está convencido de que a bela moleira é sua, apesar do duvidoso encorajamento. O seu êxtase é sugerido por um floreado, quase cómico, e um acorde turvo e sonoro fecha a primeira metade da obra.

Interlúdio: (*Pausa*) [*Pause*] com o coração cheio demais para cantar, o moleiro pendura na parede o seu alaúde com uma fita verde e reflecte sobre o pesado fardo da felicidade. Um motivo repetitivo que simula o alaúde e uma harmonia estática no acompanhamento criam a atmosfera de interlúdio.

O caçador: (*Com a fita verde do alaúde*) [*Mit dem grünen Lautenbände*] A bela moleira menciona que gosta de verde e, querendo agradá-la, oferece-lhe a fita do seu alaúde como símbolo do seu amor, tentando convencer-se que também gosta de verde. Floreados que remetem ao alaúde, uma melodia doce e o acompanhamento sugerem o optimismo iludido de moleiro. (*O caçador*) [*Der Jäger*] Um caçador vestido de verde chega ao moinho; o moleiro, imediatamente perturbado por este rival romântico, é tomado pelo ciúme. O piano imita trompas de caça com um padrão de acordes num ritmo impetuoso em *staccato*. Esta canção é um ponto de viragem, marcando o início da queda do moleiro em tragédia. (*Ciúme e orgulho*) [*Eifersucht und Stolz*]

O moleiro pede desesperadamente ao regato para advertir a moleira sobre a sua inconstância. (*A cor amada*) [*Die liebe Farbe*] Fica obcecado pela cor verde, a cor do seu amor e da sua dor. Um obstinado repetido no acompanhamento sugere a sua fixação e a monotonia do refrão. (*A cor odiada*) [*Die böse Farbe*] Renuncia amargamente ao verde logo de seguida, desejando apenas pegar na mão da bela moleira uma última vez para se despedir. A canção forma um par oposto com a anterior, nos modos menor e maior.

Epílogo: (*Flores secas*) (*Trockne Blumen*) Numa extravagante fantasia de morte, deseja ser enterrado com as flores, agora murchas, que a moleira lhe deu e que brotarão do seu túmulo como expressão do seu amor eterno.

(*O Moleiro e o ribeiro*) [*Der Müller und der Bach*] Recorre ao regato com o coração partido que lhe responde com palavras reconfortantes sobre o amor vencendo a dor. Resignado e exausto, o moleiro submete-se à sua tranquilidade.

(*A canção de embalar do ribeiro*) [*Des Baches Wiegenlied*] O regato, que sempre mostrou ao moleiro a constância que tanto desejava, canta para o adormecer, dizendo à moleira para não o incomodar. A tonalidade, retirada da canção de abertura, sugere a vasta distância narrativa percorrida pelo ciclo. Na canção mais longa, com um poema sobre morte e ressurreição em que o moleiro, em certo sentido, renasce para uma nova vida depois dos seus sofrimentos na Terra, ouve-se quase sempre um dobre a finados, um sino que toca no acompanhamento do piano. No final, o regato promete ao moleiro que irá tratá-lo com carinho até o fim dos tempos. Schubert regista a solenidade deste voto, com as harmonias mais cheias e mais ricas de todo o ciclo.

Sílvia Sequeira

(a autora escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico)

Franz Schubert
Die schöne Müllerin /
A bela Moleira
(Wilhelm Müller)

Das Wandern

*Das Wandern ist des Müllers Lust,
das Wandern!*

*Das muß ein schlechter Müller sein,
dem niemals fiel das Wandern ein,
das Wandern.*

*Vom Wasser haben wir's gelernt,
vom Wasser!
Das hat nicht Rast bei Tag und Nacht
,
ist stets auf Wandschaft bedacht,
das Wasser.*

*Das sehen wir auch den Rädernab,
den Rädern!
Die gar nicht gerne stille stehn,
die sich mein Tag nicht müde drehn,
die Räder.*

*Die Steine selbst, so schwer sie sind,

die Steine!
Die tanzen mit den muntern Reihn
und wollen gar noch schneller sein,
die Steine.*

*O Wandern, Wandern, meine Lust,
o Wandern!*

Viajar

Viajar faz a alegria do moleiro,
Viajar!
Deve ser um mau moleiro,
Aquele que nunca pensou em viajar,
Viajar.

Foi a água que nos ensinou,
A água!
Ela não repousa nem de dia nem
de noite,
Ela só pensa em correr,
A água.

As rodas também nos ensinam,
As rodas!
Nunca ficam imóveis,
Infatigáveis elas giram,
As rodas.

As próprias mós, mesmo as mais
pesadas,
As mós!
Dançam uma ronda alegre,
E querem sempre ser mais rápidas,
As mós.

Oh, viajar, eis o meu prazer,
Oh, viajar!

*Herr Meister und Frau Meisterin,
laßt mich in Frieden weiterzieh'n
und wandern.*

Wohin?

*Ich hört' ein Bächlein rauschen
wohl aus dem Felsenquell,
hinab zum Tale rauschen
so frisch und wunderhell.*

*Ich weiß nicht, wie mir wurde,
nicht, wer den Rat mir gab,
ich mußte auch hinunter
mit meinem Wanderstab.*

*Hinunter und immer weiter,

und immer dem Bache nach,
und immer frischer rauschte
und immer heller der Bach.*

*Ist das denn meine Straße?
O Bächlein, sprich, wohin?
Du hast mit deinem Rauschen
mir ganz betauscht den Sinn.*

*Was sag ich denn vom Rauschen?
Das kann kein Rauschen sein:
Es singen wohl die Nixen
tief unten ihren Reihn.*

Meu mestre e minha senhora,
Deixai-me partir em paz
E viajar.

Para onde?

Ouvi murmurar um pequeno ribeiro
Da fonte do rochedo,
Ele brota para o vale,
Tão fresco e tão límpido.

Não sei que ideia tive,
Não sei quem me aconselhou,
Fui compelido a segui-lo
Com o meu bordão de viandante.

Sempre mais para baixo, sempre mais
longe,
Sempre ao capricho do ribeiro,
E sempre mais fresco,
Sempre mais claro sussurrava o
ribeiro.

É então este o meu caminho?
Ó pequeno ribeiro, fala, para onde?
Com o teu sussurro
Perturbaste os meus sentidos.

Que hei-de dizer ao teu sussurrar?
Não pode ser um murmúrio:
Só podem ser as ondinhas
Dançando a sua ronda no fundo da
água.

Laß singen, Gesell, laß rauschen,

und wandre fröhlich nach!

*Es gehn ja Mühlenräder
in jedem klaren Bach!*

Halt!

*Eine Mühle seh ich blinken
aus den Erlen heraus,
durch Rauschen und Singen
bricht Rädergebraus.*

*Ei willkommen, ei willkommen,
Süßer Mühlengesang!
Und das Haus, wie so traulich!
Und die Fenster, wie blank!*

*Und die Sonne, wie helle
vom Himmel sie scheint!
Ei, Bächlein, liebes Bächlein,
war es also gemeint?*

Danksagung an den Bach

*War es also gemeint,
mein rauschender Freund?
Dein Singen, dein Klingen,
war es also gemeint?*

Deixa-as cantar, companheiro,
deixa-as murmurar,
E prossegue alegremente o teu
caminho!

As rodas do moinho
Ele fá-las girar em todos os ribeiros
límpidos.

Para!

Vejo brilhar um moinho
Por entre os choupos,
O marulhar de uma roda
Interrompe o murmurar e o canto.

Sê bem-vindo, bem-vindo,
Doce canto do moleiro!
E a casa, como é tranquila!
E a janela, tão brilhante!

E o Sol radioso
Como brilha no firmamento!
Então, pequeno ribeiro, querido
ribeiro,
Era isto que tu querias?

Agradecimento ao ribeiro

Queres tu assim,
Meu amigo sussurrante?
O teu canto, a tua música,
Queres tu assim?

*Zur Müllerin hin!
So lautet der Sinn.
Gelt, hab ich's verstanden?
Zur Müllerin hin.*

*Hat sie dich geschickt?
Oder hast du mich berückt?
Das möchte ich noch wissen,
ob sie dich geschickt.*

*Nun, wie's auch mag sein,
ich gebe mich drein:
Was ich such, hab ich funden,
wie's immer mag sein.*

*Nach Arbeit ich frug,
Nun hab ich genug,
für die Hände, fürs Herze
voll auf genug.*

Am Feierabend

*Hätt ich tausend Arme zu rühren!
Könnt ich brausend die Räder führen!*

Könnt ich wehen durch alle Haine!

*Könnt ich drehen alle Steine!
Daß die schöne Müllerin
merkte meinen treuen Sinn.*

Vamos ver a moleira!
Tal é o sentido do teu canto.
Pois bem, terrei eu compreendido?
Vamos ver a moleira!

Foi ela que te enviou?
Ou foste tu que me encantaste?
Gostava de saber,
Se é ela que te envia.

Mas, seja como for,
Rendo-me a este apelo:
O que eu procurava encontrei-o,
Seja como for.

Pedi trabalho,
Por agora basta-me,
Ocupar o meu coração
Chega-me bastante.

Depois do trabalho

Se eu tivesse mil braços para mover!
Poderia furiosamente fazer girar as
rodas!
Poderia soprar tal como o vento
através das matas!
Poderia movimentar todas as mós!
De modo a que a bela moleira
Repare, finalmente, na minha
fidelidade!

*Ach, wie ist mein Arm so schwach!
Was ich hebe, was ich trage,
was ich schneide, was ich schlage,
jeder Knappe tut mir's nach.*

*Und da sitz ich in der großen Runde,
in der stillen kühlen Feierstunde,*

*und der Meister spricht zu allen:
Euer Werk hat mir gefallen,
und das liebe Mädchen sagt
allen eine gute Nacht.*

Der Neugierige

*Ich frage keine Blume,
ich frage keinen Stern;
sie können mir alle nicht sagen,
was ich erführt so gern.*

*Ich bin ja auch kein Gärtner,
die Sterne stehn zu hoch;
mein Bächlein will ich fragen,
ob mich mein Herz belog.*

*O Bächlein meiner Liebe,
wie bist du heut so stumm!
Will ja nur eines wissen,
ein Wörtchen um und um.*

*Ja! heißt das eine Wörtchen,
das andre heißet nein,
die beiden Wörtchen schließen
die ganze Welt mir ein.*

Ah, como é fraco o meu braço!
O que levanto, o que carrego,
O que corto, o que bato,
Qualquer aprendiz podia fazê-lo.

E eis-me sentado entre todos,
À hora calma, fresca e sossegada do
descanso,

E o amo diz-nos a todos:
O vosso trabalho agradou-me,
E a querida jovem deseja
A todos boa noite.

O curioso

Não interrogo nenhuma flor,
Não interrogo nenhuma estrela;
Nenhuma pode dizer-me
O que eu tanto teria querido saber.

Porque não sou jardineiro,
E as estrelas estão muito longe;
Perguntarei ao meu pequeno ribeiro
Se o meu coração não se enganou.

Ó pequeno ribeiro do meu amor,
Como estás hoje silencioso!
Eu quero saber apenas uma palavra,
Uma palavra ou duas.

Sim! É uma dessas palavras,
A outra é não!
Estas duas palavras são para mim
Todo o universo.

*O Bächlein meiner Liebe,
was bist du wunderlich!
Will's ja nicht weitersagen,
sag, Bächlein, liebt sie mich?*

Ungeduld

*Ich schnitt' es gern in alle Rinden ein,
ich grüb es gern in jeden Kieselstein,
ich möcht es sän auf jedes friesche
Beet
mit Kressensamen, der es schnell
verrät,
auf jeden weißen Zettel möcht ich's
schreiben:
Dein ist mein Herz, und soll es ewig
bleiben..!*

*Ich möcht mir ziehen einen jungen
Star,
bis daß er spräch die Worte rein und
klar,
bis er sie spräch mit meines Mundes
Klang,
mit meines Herzens vollem, heißem
Drang;
dann säng er hell durch ihre
Fensterscheiben:
Dein ist mein Herz, und soll es ewig
bleiben!*

*Ich meint, es müßt in meinen Augen
stehn,*

*Ó pequeno ribeiro do meu amor,
Como tu és estranho!
Não repetirei mais,
Diz-me, pequeno ribeiro,
ela ama-me?*

Impaciência

*Gostava de talhar em cada casca,
Gostava de gravar em cada pedra,
Gostava de lançar na terra fresca*

As sementes que depressa revelarão,

*Gostava de escrever sobre uma folha
branca:*

*O meu coração pertence-te para
sempre.*

*Gostava de me tornar num jovem
ousado,*

*Capaz de dizer essas palavras com
pureza e claramente,*

*Capaz de as dizer com o som da
minha voz,*

*E toda a paixão que habita o meu
coração;*

*Então ele cantaria claramente diante
da sua janela:*

*O meu coração pertence-te para
sempre.*

*Pensava que os meus olhos o
traíssem,*

*auf meinen Wangen müßt man's
brennen sehn,
zu lesen wär's auf meinen stummen
Mund,
ein jeder Atemzug gäb's laut ihr kund;
und sie merkt nichts von all dem
bangen Treiben:
Dein ist mein Herz und soll es ewig
bleiben!*

Morgengruß

*Guten Morgen, schönen Müllerin!
Wo steckst du gleich das Köpfchen
hin,
als wär dir was geschehen?
Verdießt dich denn mein Gruß so
schwer?
Verstört dich denn mein Blick so
sehr?
So muß ich wieder gehen.*

*O laß mich nur von ferne stehn,
nach deinem lieben Fenster sehn,
von ferne, ganz von ferne!
Du blondes Köpfchen, komm hervor!
Hervor aus eurem runden Tor,
ihr blauen Morgensterne.*

*Nun schüttelt ab der Träume Flor,
und hebt euch frisch und frei empor
in Gottes hellen Morgen!*

Que as minhas faces podiam vê-lo
surgir,
Que podiam lê-lo na minha boca
silenciosa,
Que podiam adivinhá-lo na minha
respiração,
Mas ela nada viu deste ardor inquieto:
O meu coração pertence-te para
sempre.

Saudação Matinal

Bom dia, bela moleira!
Porque escondes a tua bonita cabeça
Como se tivesse acontecido qualquer
coisa?
A minha saudação aborrece-te assim
tanto?
É o meu olhar que assim te perturba?

Então será preciso voltar a partir.

Oh deixa-me ficar afastado,
E olhar a tua querida janela,
De longe, oh, de tão longe!
Querida cabeça loira, mostra-te!
Aparecei no limiar do vosso portal,
Estrelas azuladas da manhã!

Afastai então o véu dos vossos
sonhos,
E levantai-vos, fresca e leve
Na clara manhã do Criador!

*Die Lerche wirbelt in der Luft;
und aus dem tiefen Herzen ruft
die Liebe Leid und Sorgen.*

Des Müllers Blumen

*Am Bach viel kleine Blumen stehn,

aus hellen, blauen Augen sehn;
der Bach, der ist des Müllers Freund,
und hellblau Liebchens Auge scheint,
drum sind es meine Blumen.*

*Dicht unter ihrem Fensterlein,
da will ich pflanzen die Blumen ein;
da ruft ihr zu, wenn alles schweigt,*

*wenn sich ihr Haupt zum Schlummer
neigt,
ihr wißt ja, was ich meine.*

*Und schließt sie früh die Laden auf,
dann schaut mit Liebesblick hinauf;
der Tau in euren Äugelein,
das sollen meine Tränen sein,
die will ich auf euch weinen.*

Tränenregen

*Wir saßen so traulich beisammen
im kühlen Erlendach,*

A cotovia lança no ar os seus trinados;
E das profundezas do coração,
O amor faz brotar os desgostos e os
tormentos.

As flores do moleiro

À beira do ribeiro brotam muitas
florzinhas,
De olhos azuis e límpidos;
O ribeiro é o amigo do moleiro,
E os olhos da minha amada têm um
brilho azul-claro,
Eis porque estas são as minhas flores.

Perto da sua janela, justamente,
Quero plantar as minhas flores;
Vós chamá-la-eis então quando tudo
está silencioso,
Quando a sua cabeça se inclina para
dormir,
Vós sabeis bem o que quero dizer.

Logo que ela abra a janela de manhã,
Olha-a amorosamente;
O orvalho nos vossos olhos,
São lágrimas
Que eu chorarei sobre vós.

Chuva de lágrimas

Nós estávamos calmamente sentados
À sombra fresca dos choupos,

*wir schauten so traulich zusammen
hinab in den rieselnden Bach.*

*Der Mond war auch gekommen,
die Sternlein hinterdrein,
und schauten so traulich zusammen
in den silbernen Spiegel hinein.*

*Und in den Bach versunken
der ganze Himmel schien,
und wollte mich mit hinunter
In seine Tiefe ziehn.*

*Und über den Wolken und Sternen,
da rieselte munter der Bach
und rief mit Singen und Klingen:
Geselle, Geselle, mir nach!*

*Da gingen die Augen mir über,
da ward es im Spiegel so kraus;
sie sprach: es kommt ein Regen,
ade! ich geh nach Haus.*

Mein!

Bächlein, laß dein Rauschen sein!

*Räder, stellt eur Brausen ein!
All ihr muntern Waldvögelein,
groß und klein, endet eure Melodien.
Durch den Hain aus und ein*

Olhávamos tranquilamente
O ribeiro sussurrante aos nossos pés.

A lua tinha-se levantado,
E, depois dela, as estrelas,
Que se refletiam sossegadamente
No espelho de prata.

Todo o céu parecia
Afundar-se no ribeiro,
Queria levar-me com ele
Para o fundo da água.

E por cima das nuvens e das estrelas,
O ribeiro murmurava alegremente
E chamava com os seus cantos:
Companheiro, companheiro,
segue-me!

Então os meus olhos embaciaram-se,
O espelho da água toldou-se;
Ela disse: Vai chover,
Adeus, volto para casa.

Minha!

Pequeno ribeiro, que o teu murmúrio
cesse!

Rodas, que o vosso bater pare!
E vós, alegres pássaros da floresta,
Grandes e pequenos, que os vossos
cantos cessem.
Através do arvoredo que
incessantemente

*schalle heute ein Reim allein:
die geliebte Müllerin ist mein!*

*Frühling, sind das alle deine
Blümelein?
Sonne, hast du keinen hellern Schein?
Ach! so muß ich ganz allein,
mit dem seligen Worte mein,
unverstanden in der weiten
Schöpfung sein.*

*Bächlein, laß dein Rauschen sein!
Räder, stellt eur Brausen ein!
All ihr muntern Waldvögelein,
groß und klein, endet eure Melodien.
Durch den Hain aus und ein
schalle heute ein Reim allein:
die geliebte Müllerin ist mein!*

Pause

*Meine Laute hab ich gehängt an die
Wand,
hab sie umschlungen mit einem
grünen Band
ich kann nicht mehr singen, mein
Herz ist zu voll,
Weiß nicht, wie ich's in Reime zwingen
soll.*

Uma só frase ressoe:
A minha moleira bem-amada é
minha!

Primavera, são estas todas as tuas
flores?
Sol, não tens raios mais claros?
Ai de mim! é preciso, pois, ficar só,
Com o meu segredo feliz,
Incompreendido por toda a criação!

Pequeno ribeiro, que o teu murmúrio
cesse!
Rodas, que o vosso bater pare!
E vós, alegres pássaros da floresta,
Grandes e pequenos, que os vossos
cantos cessem.
Através do arvoredado que
incessantemente
Uma só frase ressoe:
A minha moleira bem-amada é
minha!

Pausa

Pendurei na parede o meu alaúde,
Atei-lhe uma fita verde
Não posso mais cantar, o meu
coração está demasiado pesado,
Já não sei como cantar nos meus
versos a dor ardente da saudade.

*Meiner Schensucht allerheißesten
Schmerz
durft ich aushauchen in Liederschmerz,

und wie ich klagte so süß und fein,

glaubt ich doch, mein Leiden wär
nicht klein.*

*Ei, wie groß ist wohl meines Glückes
Last,
daß kein Klang auf Erden es in sich
faßt,
Nun, liebe Laute, ruh an dem Nagel
hier!
Und weht ein Lüftchen über die
Saiten dir,
und streift eine Biene mit ihren
Flügeln dich,
da wird mir so bange, und es
durchschauert mich!*

*Warum ließ ich das Band auch
hängen so lang?
Oft fliegt's um die Saiten mit
seufzendem Klang.
Ist es der Nachklang meiner
Liebespein?
Soll es da Vorspiel neuer Lieder sein?*

*Mit dem grünen Lautenbanden
Schad um das schöne grüne Band,
daß es verbleicht hier an der Wand,*

A dor mais ardente da saudade

Eu sabia exprimi-lo em canções
alegres,
Mas quando eu exprimia as queixas
tão doces,
Não esquecia que o meu desgosto
era grande.

Ah, como é pesado o fardo da minha
felicidade,
Tão pesado que nenhum canto na
terra saberia exprimi-lo,
Agora, querido alaúde, continua
pendurado na parede,
Mas que uma brisa desperte as tuas
cordas,
Que uma abelha te aflore com as suas
asas,
E a angústia me atinja, e eu
estremeça!

Porque deixei durante tanto tempo
suspensa essa fita?
Muitas vezes ela aflora as tuas cordas
que suspiram.
É o eco do meu desgosto de amor?

Será o prelúdio de novos cantos?

Com a fita verde do alaúde
Que pena a bonita fita verde,
Perder aqui a cor na parede,

*ich hab das Grün so gern!
So sprachst du, Liebchen, heut zur
mir;
gleich knüpf ich's ab und send es dir:
Nun hab das Grüne gern!*

*Ist auch dein ganzer Liebster weiß,
soll Grün doch haben seinen Preis,
und ich auch hab es gern.*

*Weil unsere Lieb ist immer grün,
weil grün der Hoffnung Fernen blühn,
drum haben wir es gern!*

*Nun schlinge in die Locken dein
das grüne Band gefällig ein,
du hast ja's Grün so gern.
dann weiß ich, wo die Hoffnung
wohnt,
dann weiß ich, wo die Liebe thront,
dann hab ich's Grün erst gern!*

Der Jäger

*Was sucht denn der Jäger am
Mühlbach hier?
Bleib, trotziger Jäger, in deinem
Revier!
Hier gibt es kein Wild zu jagen für
dich,*

Eu gosto tanto de verde!
Assim me falavas tu hoje,
minha bem-amada;
Vou desapertá-la e enviar-ta:
Agora gosto de verde!

E mesmo que o branco tivesse a tua
preferência,
O verde teria também o seu valor,
E eu gosto também dele.
Porque o nosso amor permanecerá
sempre verde,
Porque a esperança, ao longe,
floresce verde,
Pois gostas tanto de verde!

Então enlaço nos teus cabelos
A fita bonita fita verde,
Já que gostas tanto de verde.
Depois saberei onde habita a
esperança,
Depois saberei onde reina o amor,
Depois gostarei verdadeiramente de
verde.

O caçador

O que procura o caçador perto do
ribeiro do moinho?
Fica no teu domínio, caçador
presunçoso!
Aqui não há caça para ti,

*hier wohnt nur ein Rehlein, ein
zahmes, für mich.
Und willst du das zärtliche Rehlein
sehn,
so laß deine Büchsen im Walde stehn,
und laß deine kläffende Hunde zu
Haus,
und laß auf dem Horne den Saus und
Braus,
und schere vom Kinne das struppige
Haar,
sonst scheut sich im Garten das
Rehlein fürwahr.*

*Doch besser, du bliebest im Walde
dazu
und ließest die Mühlen und Müller in
Ruh.
Was taugen die Fischlein im grünen
Gezweig?
Was will denn das Eichhorn im
bläulichen Teich?
Drum bleibe, du trotziger Jäger, im
Hain,
und laß mich mit meinen drei Rädern
allein;
und willst meinem Schätzchen dich
machen beliebt,
so wisse, mein Freund, was ihr
Herzchen betrübt:
Die Eber, die kommen zu Nacht aus
dem Hain
und brechen in ihren Kohlgarten ein,
und treten und wühlen herum in dem*

Aqui habita um cabrito montês bem
doce para mim.

E se queres ver esse terno cabrito,

Deixa as tuas espingardas no bosque,
E deixa também os teus cães e os
seus latidos em casa,
E cala o som da tua trompa

E corta do teu queixo essa barba
hirsuta;
Senão assustarás a corça do jardim.

Mas farás ainda melhor se
continuares nos bosques
E deixares em paz moinho e moleiro.

Que farão os peixes na folhagem
verde?

Que fará o esquilo no pântano
azulado?

Fica então nos bosques, caçador
presunçoso,

E deixa-me só com as minhas três
rodas;

E se queres agradar ao meu tesouro

Sabe então o que entristece o seu
coração:

Os javalis que à noite vêm da floresta

E penetram na sua horta
E calcam e roubam tudo no campo;

Feld;

die Eber, die schieße, du Jägerheld!

Eifersucht und Stolz

*Wohin so schnell, so kraus und wild,
mein lieber Bach?*

*Eilst voll Zorn dem frechen Bruder
Jäger nach?*

*Kehr um, und schilt erst deine
Müllerin
für ihren leichten, losen, kleinen
Flattersinn,
kehr um!*

*Sahst du sie gestern Abend nicht am
Tore stehn,
mit langem Halse nach der großen
Straße sehn?*

*Wenn von dem Fang der Jäger lustig
zieht nach Haus,
da steckt kein sittsam Kind den Kopf
zum Fenster 'naus.*

*Geh, Bächlein, hin und sag ihr das;
doch sag ihr nicht,
hörst du, kein Wort, von meinen
traurigen Gesicht;
sag ihr: Er schnitzt bei mir sich eine
Pfeif aus Rohr
und bläst den Kindern schöne Tänz
und Lieder vor!*

Mata-os então, esses javalis, valente
caçador!

Ciúme e orgulho

Para onde corres tão depressa,
tumultuoso e selvagem, meu querido
ribeiro?

Persegues tu, com fúria, o caçador
presunçoso?

Volta, volta e ralha antes com a
moleira

Pela sua leviandade, sua negligência,
sua inconstância.

Volta!

Não a viste, ontem à noite, no portal,
Com o pescoço estendido, olhando
para a estrada?

Quando regressa feliz, o caçador, da
sua caça,

Nenhuma criança ajuizada está à
janela.

Vai, pequeno ribeiro, e diz-lhe; mas
não lhe digas,
Não, entendes tu, uma palavra da
minha tristeza.

Diz-lhe: perto de mim ele talha uma
flauta num junco

E toca bonitas danças e cantos para
as crianças.

Die liebe Farbe

*In Grün will ich mich kleiden,
in grünen Tränen weiden:
mein Schatz hat's Grün so gern.
Will suchen einen Zypressenhain,
eine Heide voll grünen Rosmarein:
Mein Schatz hat's Grün so gern.*

*Wohl auf zum frölichen Jagen!
Wohl auf durch Heid und Hagen!
Mein Schatz hat's Jagen so gern,
Das Wild, das ich jage, das ist der
Tod,
die Heide, die heiß ich die Liebesnot:
Mein Schatz hat's Jagen so gern.*

*Grabt mir ein Grab im Wasen,
deckt mich mit grünem Rasen!
Mein Schatz hat's Grün so gern.
Kein Kreuzlein schwarz, kein Blümlein
bunt,
grün, alles grün so rings und rund:
Mein Schatz hat's Grün so gern.*

Die böse Farbe

*Ist möchte ziehn in die Welt hinaus,
hinaus in die weite Welt;
wenn's nur so grün, so grün nicht wär
da draußen in Wald und Feld!*

A cor amada

Vestir-me-ei de verde,
De verde como o chorão:
O meu amor gosta tanto de verde.
Procurarei uma mata de ciprestes,
Uma charneca de alecrim verde:
O meu amor gosta tanto de verde.

Avante, para a alegre caçada!
Avante através das matas e das sebes!
O meu amor gosta tanto da caça,
A caça que eu persigo com ardor é a
morte,
A minha charneca é a dor de amar:
Meu amor gosta tanto de verde.

Cava a minha cova na relva,
Cobre-me de erva verde!
O meu amor gosta tanto de verde.
Não quero nem uma cruz negra, nem
flores de cores variadas,
Verde, só verde à minha volta:
O meu amor gosta tanto de verde.

A cor odiada

Queria viajar para terras longínquas,
Partir para o vasto mundo;
Se tudo não fosse tão verde, tão
verde lá longe,
Nos bosques e nos campos!

*Ich möchte die grünen Blätter all
pflücken von jedem Zweig,
ich möchte die grünen Gräser all
weinen ganz totenbleich.*

*Ach Grün, du böse Farbe du,
was siehst mich immer an
so stolz, so keck, so schadenfroh,*

mich armen, weißen Mann?

*Ich möchte liegen vor ihrer Tür,
im Sturm und Regen und Schnee,
und singen ganz leise bei Tag und
Nacht
das eine Wörtchen ade.*

*Horch, wenn im Wald ein Jagdhorn
schallt,
so kling ihr Fensterlein,
und schaut sie auch nach mir nicht
aus,
darf ich doch schauen hinein.*

*O binde von der Stirn dir ab
das grüne, grüne Band;
Ade, ade! und reiche mir
zum Abschied deine Hand!*

Queria colher as folhas verdes
Colhê-las todas em cada ramo,
Queria chorar nos prados verdes
E vê-los empalidecer até à morte.

Ah verde, cor odiada,
Porque me olhas sempre assim
Tão orgulhosa, tão insolente e sem
piedade,
Pobre homem tão branco?

Queria estender-me diante da sua
porta
No temporal, à chuva, à neve
E cantar docemente dia e noite
Só esta pequena palavra: adeus!

Escuta, quando na floresta soa uma
trompa de caça,
Ouve-se o ruído dos vidros da janela!
E mesmo não sendo a mim que ela
procura,
Posso ao menos olhá-la.

Oh, tira da tua fonte
Essa fita verde, tão verde;
Adeus, Adeus! E estende-me a mão
Em jeito de despedida.

Trockne Blumen

*Ihr Blümlein alle,
die sie mir gab,
euch soll man legen
mit mir ins Grab.
Wie seht ihr alle mich an so weh,
als ob ihr wüßtet, wie mir gescheh?*

Ihr Blümlein alle, wie welk, wie blaß?

Ihr Blümlein alle, wovon so naß?

*Ach, Tränen machen nicht maiengrün,
machen tote Liebe nicht wieder
blühn,*

*und Lenz wird kommen, und Winter
wird gehn,
und Blümlein werden im Grase stehn,*

und Blümlein liegen in meinem Grab,

die Blümlein alle, die sie mir gab.

*Und wenn sie wandelt am Hügel
vorbei
und denkt im Herzen: der meint' es
treu!
Dann, Blümlein alle heraus, heraus!*

*Der Mai ist kommen, der Winter ist
aus.*

Flores secas

Vós, belas flores,
Que ela me deu,
Deitai-vos comigo
Na cova.
Como vós todas me olhais
dolorosamente,
Como se soubésseis o que me
aconteceu?
Vós todas, como estais murchas e
polidas?
Vós todas, as flores, porque estais
molhadas?

Ah, as lágrimas não fazem reverdecer
em aio a primavera
Nem fazem reflorir um amor que
morreu.

E a primavera virá, o inverno passará,

E as flores cobrirão de novo os
prados,

E as flores repousarão também na
minha cova,

Todas as flores que ela me deu.

E quando ela passar pela colina

Pensará no seu coração: aquele
era-me fiel!

Então vós todas crescereis, minhas
flores!

O mês de maio chegou e o inverno
desapareceu.

Der Müller und der Bach

[DER MÜLLER]

Wo ein treues Herze in Liebe vergeht,

*da welken die Lilien auf jedem Beet;
da muß in die Wolken der Vollmond
gehn,*

*damit seine Tränen die Menschen
nicht sehn;*

*Da halten die Engelein die Augen sich
zu*

*und schluchzen und singen die Seele
zur Ruh!*

[DER BACH]

*Und wenn sich die Liebe dem
Schmerz entringt,*

*ein Sternlein, ein neues, am Himmel
erblinkt,*

*da springen drei Rosen, halb rot und
halb weiß,*

*die welken nicht wieder, aus
Dornenreis;*

*und die Engelein schneiden die Flügel
sich ab*

und gehn alle Morgen zur Erde herab.

[DER MÜLLER]

*Ach Bächlein, liebes Bächlein, du
meinst es so gut;*

*ach Bächlein, aber weißt du, wie
Liebe tut?*

O Moleiro e o ribeiro

[O MOLEIRO]

Quando um coração fiel morrer de
amor,

Os lírios murcham no jardim;
A lua cheia esconde-se por entre as
nuvens,

Para que os homens não vejam as
suas lágrimas;
Então os anjos têm os olhos fechados

E choram e cantam pela paz da alma.

[O RIBEIRO]

E quando o amor se liberta do
sofrimento,

Uma nova estrela nasce no céu,

Desabrocham três rosas, meio
vermelhas e meio brancas,
E nunca murcharão sobre os seus
espinhos;

E os anjos cortam as asas

E descem todas as manhãs para a
terra.

[O MOLEIRO]

Ah, pequeno ribeiro, querido ribeiro,
tu só queres fazer bem;

Mas sabes tu o que faz o amor?

*Ach unten, da unten die kühle Ruh!
Ach Bächlein, liebes Bächlein, so
singe nur zu.*

Des Baches Wiegenlied

Gute Ruh, gute Ruh! Tu die Augen zu!

Wandrer, du müder, du bist zu Haus.

*Die Treu ist hier, sollst liegen bei mir,
bis das Meer will trinken die Bächlein
aus.*

*Will betten dich kühl auf weichem
Pfühl
in dem blauen, kristallinen
Kämmerlein
Heran, heran, was wiegen kann!
Woget und wieget den Knaben mir
ein.*

*Wenn ein Jagdhorn schallt aus dem
grünen Wald,
will ich sausen und brausen wohl um
dich her.
Blickt nicht herein, blaue Blümelein!
Ihr macht meinem Schläfer die
Träume so schwer.*

*Hinweg, hinweg, von dem Mühlensteg!
Hinweg, hinweg, böses Mägdelein,
daß ihn dein Schatten, dein Schatten*

Ah, sob a terra o repouso é fresco!
Ah, pequeno ribeiro, querido ribeiro,
canta ainda e sempre.

A canção de embalar do ribeiro

Repousa em paz, repousa em paz!
Fecha os olhos!

Viandante, fatigado, tu chegaste a
casa.

Aqui encontrarás a fidelidade, ao pé
de mim repousarás,
Até que o mar tenha engolido todos
os ribeiros.

Far-te-ei um leiteo bem fresco,

Um travesseiro tão doce no pequeno
quarto de cristal azul.

Vinde, vinde, vós que sabeis embalar,
Embalar e adormecer este rapaz!

Se uma trompa soa na verde floresta,

Farei muito barulho à tua volta.

Não me olheis, pequenas flores azuis!
Dais ao meu adormecido sonhos
muito pesados.

Deixa, deixa, o caminho do moinho,
Deixa, deixa, rapariguinha má,
Que a tua sombra não o desperte!

nicht weckt.

*Wirf mir herein dein Tüchlein fein,
daß ich die Augen ihm halte bedeckt.*

*Gute Nacht, gute Nacht! bis alles
wacht,*

*schlaf aus deine Freude, schlaf aus
dein Leid!*

*Der Vollmond seigt, der Nebel weicht,
und der Himmel da oben, wie ist er
so weit.*

Atira-me antes o teu bonito lenço,
De modo que eu lhe tape os olhos.

Boa noite, boa noite! Até que tudo
desperte,

Que o teu sono consuma as tuas
alegrias e os teus desgostos!

A lua cheia ergue-se, as brumas
dissipam-se,

E o céu, lá em cima, como é imenso.

Tradução de Maria Helena de Freitas, gentilmente cedida pela Fundação Calouste Gulbenkian.

© FCG



Ian Bostridge

Tenor

A carreira internacional de Ian Bostridge levou-o aos Festivais de Salzburgo, Edimburgo, Munique, Viena, São Petersburgo, Aldeburgh e Schwarzenberg Schubertiade e aos principais palcos do Carnegie Hall e do Teatro alla Scala de Milão. Realizou residências artísticas no Vienna Konzerthaus

e no Schwarzenberg Schubertiade (2003/2004), no Barbican, Londres (2008), na Filarmónica do Luxemburgo (2010/2011), no Wigmore Hall (2011/2012) e no Hamburg Laeishalle (2012/2013). Ian também participou numa Carte-Blanche com Thomas Quasthoff no Amsterdam Concertgebouw (2004/2005) e no

ciclo *Perspectives* no Carnegie Hall (2005/2006). Na temporada 2018/2019, Ian realizou uma auspiciosa Residência Artística com a Orquestra Filarmónica de Seul: a primeira do género para o *ensemble*.

As suas gravações ganharam os principais prémios internacionais e foram nomeadas para 15 Grammys. A sua gravação para a editora Pentatone de *Viagem de Inverno*, de Schubert, com Thomas Adès ganhou o prémio de Gravação Vocal do Ano 2020 nos International Classical Music Awards. Outras gravações incluem *A Bela Moleira*, de Schubert, com Graham Johnson (Gramophone Award 1996), *The Rake's Progress* com Sir John Eliot Gardiner (Grammy Award, 1999) e *O rapto do serralho* com William Christie. Gravou, sob contrato exclusivo com a Warner Classics, os discos *Schubert* e *Schumann Lieder* (Gramophone Award 1998), *The English Songbook* e *Henze: Songs* com Julius Drake, *Our Hunting Fathers* de Britten com Daniel Harding, *Idomeneo* de Mozart com Sir Charles Mackerras, *O diário de um desaparecido* de Janáček com Thomas Adès, *Die Schöne Müllerin/Winterreise/Schwanengesang* com Leif Ove Andsnes, Mitsuko Uchida e Sir Antonio

Pappano, *The Noël Coward Songbook* com Jeffrey Tate, ciclos orquestrais de Britten com a Filarmónica de Berlim e Sir Simon Rattle, *Wolf* com Pappano, cantatas de Bach com Fabio Biondi, árias de Händel com Harry Bicket, *Canticles* e *O Aperto do Parafuso* de Britten (Gramophone Award, 2003) e *Billy Budd* (Grammy Award, 2010), *A Tempestade* de Adès (Gramophone Award 2010) e *Orfeu* de Monteverdi. Gravações recentes incluem *Respighi Songs* e *A Bela Moleira* com Saskia Giorgini para a Pentatone, canções de Shakespeare (Grammy Award, 2017) e *Requiem: The Pity of War* com Pappano para a Warner Classics, bem como *Les Nuits d'Été* de Berlioz, *Shéhérazade* de Ravel e *Le Livre de Baudelaire* (arr. John Adams) de Debussy com Ludovic Morlot e a Orquestra Sinfónica de Seattle.

Ian Bostridge trabalhou com a Orquestra Filarmónica de Berlim, Sinfónica de Chicago, Sinfónica de Boston, Sinfónica de Londres, BBC Symphony, Filarmónica de Londres, Filarmónica de Nova Iorque, Filarmónica de Los Angeles, Filarmónica de Viena, Filarmónica de Roterdão e Royal Concertgebouw, sob a direção de Sir Simon Rattle, Sir Colin Davis, Sir Andrew Davis, Seiji

Ozawa, Sir Antonio Pappano, Riccardo Muti, Mstislav Rostropovich, Daniel Barenboim, Daniel Harding e Donald Runnicles. Cantou na estreia mundial de *Opfergang* de Henze com a Accademia Santa Cecilia em Roma sob a direção de Pappano.

A suas apresentações operáticas incluem *Morte em Veneza* para a Deutsche Oper, *O Aperto do Parafuso* para o Teatro alla Scala, *Jeptha* de Händel para a Ópera Nacional de Paris, *Sonho de uma noite de verão* para a Opera Australia e no Edinburgh Festival, *A Coroação de Popeia* e *The Rape of Lucretia* para a Bayerische Staatsoper, *Don Giovanni* para a Wiener Staatsoper, *A Flauta Mágica*, *Morte em Veneza* e *Semele* para a Ópera Nacional Inglesa, *O Aperto do Parafuso*, *Don Giovanni* e *A Tempestade* para a Royal Opera House e *Curlew River* na encenação de Netia Jones para o Barbican que também foi produzida em Nova Iorque e na costa oeste dos EUA.

Eventos recentes incluíram o *War Requiem* com a Orquestra Filarmónica de Londres, sob a direção de Vladimir Jurowski, *Les Illuminations* com a Royal Concertgebouw Orchestra dirigido por Andris Nelsons, *Les nuits d'été* de Berlioz com a

Sinfónica de Seattle sob direção de Ludovic Morlot, *A trompa mágica do menino* com a Orquestra de Câmara de Paris dirigido por Lars Vogt, *Viagem de Inverno* com Pappano na Bayerische Staatsoper, Elbphilharmonie e Pierre Boulez Saal Berlin, e com Thomas Adès para o Auditori de Barcelona, concertos com a Orquestra Sinfónica de Boston, sob a direção de Pappano, com a Tonhalle-Orchester Zürich, sob a direção de Kent Nagano, com a Orquestra Sinfónica de Barcelona, com a Orquestra della Toscana e atuações com a Orquestra Sinfónica de Barcelona sob a direção de Marta Gardolińska. Outras apresentações em concertos incluíram digressões europeias com a orquestra Europa Galante a interpretar *Orfeu* de Monteverdi e com a Orquestra do Século XVIII a interpretar *The Seasons*, uma digressão europeia de recitais incluindo os festivais MITO e Verbier com o pianista de jazz Brad Mehldau da sua composição para Ian, *The Folly of Desire*, uma estreia mundial de uma nova encomenda de James MacMillan com a Orquestra Sinfónica de Londres para o centenário da Primeira Guerra Mundial, gravações dos principais ciclos de canções de Schubert ao vivo

no Wigmore Hall com os pianistas Lars Vogt e Thomas Adès.

O seu livro *Schubert's Winter Journey: Anatomy of an Obsession* (The Pol Roger Duff Cooper Prize, 2016) foi publicado pela Faber and Faber no Reino Unido e pela Knopf nos EUA em 2014. Na temporada 2020/2021, lan deu uma série de palestras para a Universidade de Chicago e assumiu o cargo de professor visitante na Hochschule für Musik und Theater

de Munique. Foi bolseiro de história no Corpus Christi College, Oxford (1992-1995) e em 2001 foi eleito bolseiro honorário da faculdade. Em 2003, foi nomeado Doutor Honorário em Música pela Universidade de St. Andrews e em 2010 foi nomeado membro honorário do St. John's College de Oxford. Foi-lhe atribuído o título de Comendador do Império Britânico nas honras de Ano Novo de 2004. Em 2014, foi Professor Humanitas de Música Clássica na Universidade de Oxford.



Luís Duarte

Piano

Luís Duarte desenvolveu os seus estudos musicais sob a orientação de Fausto Neves, Luís Filipe Sá e Madalena Soveral (Escola Profissional de Música de Espinho e Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo), bem como com László Baranyay e Rita Wagner (Academia Franz Liszt em Budapeste). Frequentou *masterclasses* com Helena Sá e Costa, Sequeira Costa, Arbo Valdma, Josep Colom, Miguel Borges Coelho, Pedro Burmester, entre outros. Tocou e gravou para a Antena 2, a Rádio Nacional Eslovena e Classical Planet (programa *Euroclassical*). Em 2009, fez a primeira audição completa dos 5 *Embalos* de Fernando Lopes-Graça, incluindo a estreia absoluta dos n.ºs 1, 2 e 3. Já em 2014, fez a estreia absoluta da Sonata para dois pianos e percussão de António Pinho Vargas com Drumming GP e Lígia Madeira. Apresentou-se em Portugal, Espanha, França, Alemanha, Áustria, Hungria e Eslovénia, tendo sido ainda solista com a Orquestra da EPME e com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música sob a direção dos maestros Cesário Costa, Pawel Przytocki, Alessandro Crudele e Stefan Blunier. Trabalhou com os

encenadores António Capelo, António Durães e Nuno Carinhas, e com os solistas David Wilson-Johnson, Stephen Loges, Anke Vondung, Dora Rodrigues, Michaela Kaune e Karen Wierzba.

Mantém, desde 2008, um duo de piano a quatro mãos e dois pianos com Lígia Madeira. Colabora regularmente com a Casa da Música integrando projetos do Remix Ensemble, do Coro Casa da Música e da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, tendo trabalhado com os maestros Péter Eötvös, Heinz Holliger, Paul Hillier, Emilio Pomàrico, Michael Sanderling e Peter Rundel. Exerce funções de docência na Escola Profissional de Música de Espinho e na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto. Apresentou-se em recital com o pianista Pedro Burmester e com os tenores Ian Bostridge e Christoph Prégardien.

Lançou, em janeiro de 2021 e sob o selo da editora holandesa Brilliant Classics, o álbum *Portuguese Music for Piano Duo*, recentemente galardoado como Melhor Álbum de Música Clássica pelos Prémios Play 2022. Compromissos futuros incluem projetos discográficos e apresentações a solo, com orquestra e em parceria com o tenor Ian Bostridge durante a temporada de 2024.

JÁ A SEGUIR

Sexta Maior

16 fevereiro 2024

Sexta-feira, 21h00

Pequeno Auditório

Schostakovich e Estaline

DSCH – Schostakovich Ensemble

O DSCH – Schostakovich Ensemble apresenta um concerto dedicado à música de um dos mais fulgurantes e geniais compositores da História da Música do século XX: Dmitri Schostakovich. Neste concerto, serão interpretadas obras-primas do seu legado criativo, entre as quais a Sonata para Violoncelo e Piano, composta na década de 1930, quando Schostakovich sofreu os primeiros e violentos ataques no Pravda, jornal oficial do Partido Comunista soviético, e o célebre Quinteto com Piano, pelo qual Schostakovich recebeu em 1941 o Prémio Estaline.



APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2023/2024



COFINANCIADO POR

